

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse  
Rua de Paio Galvão

# O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

## D. AFONSO VII

Eu não sei como a nação sofre em silêncio, sem o menor movimento de repulsa, a pesada e sufocante tirania de sua majestade D. Afonso VII.

Nunca a liberdade em Portugal sofreu afrontas maiores nem ultrages mais depressivos.

Esse príncipe feito à pressa, sem genealogia nobilitante que o prestigie aos olhos dos seus súbditos, está pondo em prática, com um cinismo revoltante, a máxima descaradamente absolutista de Luís XIV: *L'état c'est moi*.

Não há classe na sociedade portuguesa que êle, o democrata às avessas, não tenha ofendido com as grosseiras e cobardes arrogâncias do seu feroz absolutismo.

Afrontou e ofendeu com uma dureza brutal aos católicos, publicando êsse decreto da separação que em todas as suas palavras e disposições transsuda inflamados ódios de seita e violências perseguidoras de barbarie. «Ai daquêle que lhe tocar!» exclamou êle duma vez no congresso, deixando ver nessa frase claramente cominatória toda a ferêza da sua alma felinamente vingativa.

Tem afrontado e ofendido num ingrato esquecimento do passado aos operários, que tantos aplausos lhe deram nos comícios da propaganda republicana e que lhe serviram de escabelo para a sua ascensão às culminâncias do poder,—mandando ou consentindo que os aferrolhem nas cadeias, falando-lhes agora com um arreganho de despótico senhor feudal e voltando as costas às suas reclamações.

Afrontou e ofendeu com um entôno jupiteriano aos proprietários, desafiando-os a que mexam na república por causa da lei formidavelmente extorsiva da contribuição predial.

Os católicos, os operários e os proprietários são a sociedade portuguesa no seu todo.

Quê fica, tiradas essas tres classes?

E contudo estão sofrendo com um estoicismo deslustroso as afrontas, os vexames, os excessos, as injúrias do mais ousado e perigoso tirano que ainda surdiu no tablado da política nacional.

Nos tempos da opposição, quando D. Afonso VII era apenas um simples deputado, teve êle a audácia de declarar no parlamento, a propósito dalgumas supostas incorrecções do nosso rei trucidado, que por menos culpas tinha rolado no cadafalso a cabeça de Luís XVI. E êle mesmo é agora a personificação dum despotismo tam feroz como não há outro em nenhuma nação monárquica da Europa.

Porque é que as classes ofendidas e que constituem a máxima maioria do povo português, não lhe dizem num legitimo desfôrço: «Senhor, nós dispensamos os vossos serviços. Somos livres e queremos um regimen de bem entendida liberdade. Nunca simpatizámos com a tirania e muito menos sob a máscara de democracia. Visto que vós sois incorrigível na opressão das mais elementares liberdades constitucionais, ide para o interior da Africa, para o meio dos pretos, satisfazer as vossas ingénitas inclinações de soba absolutista. Aqui não vos toleraremos mais tempo. Iludistes miseravelmente todos os ingénuos que em vós depositaram algumas esperanças».

Se numa república a nação tem o direito de indicar livremente o modo como quer ser governada; se numa república o govêrno despótico e pessoal é

uma contradição, não sei como as classes mais importantes da sociedade sofrem com indiferença as farroncas ultrajantes de sua majestade D. Afonso VII que está procedendo como se os portugueses fôssem um bando de parvos incapazes de conhecer e defender os seus direitos.

¿Em que se fia êle para ter a estulta pretensão de impor a sua vontade tirânica a toda a nação?

E' isto o que é preciso saber para lhe mostrar que a grande maioria do povo está descontente com êle e não quer aturar por mais tempo os seus desastrosos caprichos.

E' necessário que nos desenganemos de que êsse príncipe de sangue plebeu não é a república e que esta não pode prosperar enquanto êle tiver a usurpada preponderância que está exercendo.

P. A.

CONTINUA A FARÇA

## Pressões e vinganças

Busca domiciliária e prisão arbitraria de uma senhora

O CHEFE DA POLICIA DE GUIMARÃES

Nós perguntamos aos nossos leitores de são espirito e de alma limpa, quer sejam republicanos ou monárquicos, se, em face de factos da natureza do que vamos narrar, se sente ou não vontade, mas uma vontade ingente e invencível, de conspirar, não contra a república, que culpa alguma tem dos indignos actos que certos alarves, que se dizem seus adeptos, praticam, mas contra êsses certos indecentes *republicos* que para aí estadeiam a sua ignorância e a sua estupidez e não fazem outra coisa senão desacreditarem o regimen — que para antipatias e más vontades bem lhe bastam as que contra si já tem.

Nós perguntamos aos leitores bem intencionados, sejam quem forem e pensem da forma que pensarem, se isto dá ou não vontade de desancar êsses imbecis que praticam toda a qualidade de poucas vergonhas, ou, para não desejar morrer, como o grande Hercules, fugir para muito longe onde se esteja livre dos esfomeados maltrapilhos que, em nome de uma república que foi feita para felicidade do povo, cometem as maiores arbitrariedades e os maiores abusos, levando a in-

felicidade aos lares e o desespero aos corações.

Nós perguntamos a toda a gente, ainda mesmo àquela que, por conveniência de facciosismo político, aprova ou fica silenciosa, o que é também uma aprovação, os actos absurdos que se teem observado; nós perguntamos mesmo àquelles que teem tomado parte directa ou indirecta nesses absurdos se o chefe da policia civil de Guimarães, depois dos factos que vamos narrar, pode continuar à frente de uma corporação em que todos são concordes que é precisa a vassoura, e nós acrescentamos que a vassourada deve principiar pelo chefe, porque os guardas, coitados, são meros subordinados de um individuo sem intelligência, sem educação, sem conhecimentos do seu cargo, que por conseguinte não os pode guiar bem nem dar-lhes bons exemplos, ainda que êles muita vontade tenham de serem uns zelosos cumpridores dos seus deveres.

Nós perguntamos tudo isso e cada um que nos responda com sinceridade e não receiamos que justiça deixe de ser feita às nossas palavras.

No dia 26 do corrente chegou a esta cidade, no comboio de cerca das 7 horas da tarde, uma senhora que, acompanhada de um criado, havia vindo de Vigo e se dirigia a casa de seu irmão um nosso amigo e camarada de redacção, onde vem passar algum tempo a fim dese tratar de uma doença de que sofre.

Apeando-se do comboio dirigiu-se ao restaurante do Jorge a tomar um copo de água encontrando ali o chefe da policia, que ali pousa habitualmente, e êste, que sem dúvida a conheceu, pois já lhe tinha oferecido um *relevante* serviço como abaixo se verá, ficou ferido no seu orgulho de *prestante* autoridade, porque a senhora em questão não fez caso algum da sua presença, examinou-a atentamente, mirando-a e remirando-a como soe dizer-se.

A senhora dirigiu-se em seguida, muito tranquilamente, para casa de seu irmão, não imaginando o que no dia seguinte viria a succeder-lhe.

No dia seguinte, pouco depois das sete horas da manhã, foi a casa do nosso camarada cercada pelo chefe e dois guardas da policia, que se fizeram acompanhar de duas testemunhas, e o chefe, batendo pouco depois à porta, annunciou em palavras donde transcendia a vingança e o ódio que ia passar uma busca à casa, e que uma rapariga (termo que o nosso camarada fez engulir ao chefe ensinando-lhe a boa educação) que ali se encontrava tinha de o acompanhar, ao que o nosso amigo objectou que sua irmã só dali sairia na sua companhia, embora presa, e que quanto à busca podia principiar por onde quizesse.

Procedeu-se à busca. O nosso amigo potenteou todas as dependências da casa e estas, bem como todos os móveis, foram vasculhados à vontade pelo chefe que, no seu dizer, queria correspondência que por toda a parte procurou e até na cosinha julgava encontrar os almejados documentos comprometedores.

Sentia-se no chefe um prazer inegalável ao remecher naquela papelada que representava trechos da vida intima do casal uma, meras inutilidades outra e segredos de terceiros o resto e o nosso colega, devido à brutalidade chéfica, lá teve de consentir que se devassassem cartas confiadas à sua guarda por pessoas da sua intimidade, cartas que logo a principio se via tratarem de assuntos familiares entre filhos e pais e netos e avós.

Mas tinha de ir tudo, dizia o chefe, e lá foi tudo para a administração do concelho.

A senhora em questão também foi presa e conduzida, em um carro que reclamou, para a esquadra policial, bem como a sua bagagem que consistia em uma mala com roupa e uma pequena maleta de mão.

Não acreditamos que fôsse o sr. administrador do concelho quem ordenasse a diligência tal como se fez, porque, se bem que o nosso camarada não esteja nas suas boas graças, os factos que depois se passaram e as palavras por êle proferidas levam-nos a crer que aqui houve excesso de zelo por parte do chefe.

Apreciando serenamente o caso vê-se que a autoridade queria

ver-se a senhora em questão era portadora de cartas de ausentes e às pessoas a quem eram dirigidas, e avançamos em assim o supor por que tendo sido apreendida ao seu creado uma do Sr. Dr. António Amaral dirigida à Ex.<sup>ma</sup> esposa, foi-lhe esta entregue intacta por ordem do Sr. administrador, não obstante o chefe ter desejos de a abrir.

Nem outra coisa era de esperar porque diz o n.º 28 do art.º 3.º da Constituição que o sigilo da correspondência é inviolável.

Ora para uma diligência destas, para averiguar se a senhora trazia cartas, facto por demais averiguado na fronteira onde a fiscalização é rigorosíssima sobre essa espécie de contrabando, o chefe escusaria de tanto aparato ténico, tantas precauções, tanta habilidade porque se o chefe não é tolo deve saber que o que tinha a fazer, se a sua vontade de prestar serviços tivesse brotado espontânea e não houvesse sido incutida por alguém, que nós conhecemos e sobre quem falaremos na devida altura, era—quando a viu apertar do combóio—convidá-la, com toda a delicadeza que deve ter um homem de boa educação, a ir à esquadra e a passar-lhe revista às malas.

Mas o chefe quiz aparato para fazer escândalo.

Quiz envolver também nas malhas da sua argúcia o nosso amigo, porque o chefe bem sabia que isso lhe traria maiores aplausos visto que seria mais conestado, e quiz ter a glória de conduzir, sob prisão, pelas ruas da cidade uma conspiradeira depois de um cerco em regra e uma busca em regra.

Assim foi mais aparatoso. Ora visto que o chefe teve tanto cuidado em fazer aparato, nós também, com todo o cuidado, vamos ter o prazer de demonstrar a razão porque o chefe assim procedeu para com ela.

Há tempos, a senhora a que nos vimos referindo, encontrando-se no já aludido restaurante do Jorge, onde também se encontrava o chefe da policia, manifestou vontade de ir a Vigo; e o chefe sabendo-o ofereceu-se desde logo para a passar para lá desde que ela alugasse um automóvel para esse fim.

A senhora porém recusou-se, alegando que não tinha responsabilidades que sobre ela pesassem e que, portanto, não precisava de ir como qualquer fugitivo, e que iria no combóio, ao que o chefe retorquiu que no combóio a não acompanhava, mas em automóvel se prontificava a isso e que ela não corria perigo algum porque a sua qualidade de chefe de policia a punha a coberto de qualquer dissabor.

A nova e honrosa recusa, o chefe, que já tratava de convidar o Zeca brasileiro para o passeio, ficou de cara ao lado e embuchou como um gato pingado que não chega ao entêro.

Isto é absolutamente verdadeiro.

Pela nossa honra o garantimos. Digam-nos agora as pessoas que nos lerem que confiança se pode depositar em uma autoridade destas que põe os seus serviços às ordens de quem deles se queira utilizar, prontificando-se a passar para o estrangeiro, a coberto da vigilância fronteira, pessoas que nem sequer lhes passa pela ideia de recorrer a tal ardid por de tal não precisarem.

Mas este facto não é isolado. A ele se ligam outros de maior importância a que não são estranhas umas irmãs de caridade e uns supostos conspiradores.

Estamos reunindo uns documentos comprovativos e, no seguimento desta narração, diremos coisas mais importantes e mais bonitas.

A senhora de que nos ocupamos, pede-nos pa-

ra, em seu nome, manifestarmos ao sr. administrador dêste concelho o seu profundo reconhecimento pela forma correcta e extrema delicadeza com que a tratou na administração do concelho, o que deveras contrastou com a forma brusca e áspera do chefe até certa altura.

## Caprichos da saudade

A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>ª</sup> D. M. P. Saraiva.

Porque será que a noite em tu vendo as estrelas,  
meu Anjo, penso em ti?  
E' porque na magia alucinante d'ellas  
—o vejo o raspiando que em teu olhar sorri!... —

Porque será que à tarde ao vêr o sol poente  
a se afundir no mar,  
eu me lembro da tua imagem inocente?  
—como a do sol morrendo é a paz do teu olhar!... —

Porque será também que ouvindo o arfar do vento  
sobre rosas em flor,  
depressa para ti me logo o pensamento?  
—é manso como a brisa o teu olhar de amor!... —

Porque será que quando absorto em brandos sonhos,  
contemplo o azul dos céus,  
qu' como a borboleta, entre jardins risinhos  
dirijo silencioso, ó Anjo, os passos meus.

Porque será que quando arrebatado à vida  
pela contemplação  
da Formosa inacrada e eterna e indefinida,  
sempre, sempre, para ti me vai o coração?!

E' porque também tu, Virgem risinha e mansa,  
tens como o céu, no olhar,  
o encantador azul emblema de esperança  
para em horas de dor me vires consolar?...

Por fim, lágrima santa do olhar de Deus caída,  
tu és, como Ele forte...  
com um sorriso podes eternizar-me a vida!...  
Com um desprêso podes acarretar-me a morte!...

Guimarães. J. P. C. de S.

## A Moralidade!

### O cúmulo da sabedoria!!!

As alvas e preclatas vestes da simbólica e preexcelsa figura da Moralidade, tam venerada, tam querida do espirito humano, tem sido reduzidas a motreços pelas asquerosas garras dum odiento e miserando rabiscador do *trapo*, que prefere vaguear pelo mundo inóspito da veracidade a seguir uma via aclarada pelos acariciadores e diáfanos raios do sol—a nobreza de sentimentos—.

Navegando no mar da devassidão, esse imundo e desnordeado ser, que sem um vislumbre de hombridade procura menosprezar-nos com a sua torpe prosa, naufragará envolto nas deusas roupagens da ignomia.

¿Não sabes, escriba, o conceito que a sociedade faz de ti, quando lanças mão dessa baixa e depravada linguagem para narrares qualquer facto?

¿Como desconheces, leigo, os deveres do homem para com os seus semelhantes ou com a sociedade!

Lê o que diz Franch no seu livro *Moral para todos*:

..... para com a sociedade ou com nossos semelhantes, temos deveres não menos imperiosos que os relativos a nós mesmos. ....

¿Ignoras que um dos deveres dum honesto homem para com a sociedade ou com os nossos semelhantes é respeitá-los, não escrevendo nem proferindo obscenidades impróprias do intellecto dum jornalista?

Nada sabes, tudo ignoras!  
Comove-nos o coração a tua decadência moral e intellectual; os nossos olhos derrama'n lágrimas de pesar ao presenciarem a lenta

queda da tua sabedoria e perspicácia.

Não: tu és talvez um môço *inteligente*, e quem sabe se amanhã o teu nome será gravado em caracteres de *ouro* nas páginas imorrederas desse livro que nos recorda o mundo culto—a *História da Literatura*—, se continuares a enveredar essa *bem orientada* pena pelo trâmite do saber?

Porque tu és *estudioso*, já leste obras de Zola, Eça, Abel Botelho e Guerra Junqueiro!!!

Porque tu já te entranhaste no melindroso estudo da *Génesis*; porque tu, enfim, és um... *sábio*!

E eu curvo-me perante a tua *imortalidade* e *fama literária* que, voando de terra em terra, percorrerá os confins do Universo!

Nem Lamartine, Sénancour, Pitágoras, Cícero, Goethe, Chateaubriand e Byron, poderão abeirar-se do *hermeneuta* do *trapo*, porque o brilho desses homens imortais seria ofuscado se tentassem aproximar-se do *insigne escriptor*.

Ante um pigmeu, um plagiador de versos, todos, todos ficariam sepultos no *Nada* perante tal *mentalidade!*

Cotidinho! Como eu te lamento!

Eu sei que só a pobreza de espirito te arfasta a cometer tais inconveniências, porque tu és um bom rapazinho, todo cheio de graça, todo loução que é mesmo um primor.

Não sabes? Eu tenho dô de ti infeliz creaturinha, a minha alma chora condoída quando presença os teus erros.

Dize-me: já que se deve a honra de teres lido os Sermões do P.<sup>o</sup> António Vieira, dêsse Padre que pertence à horrenda seita jesuitica como tu, e outros como tu lhe chamais?!

Foi para aprenderes a dizer que *é certo* que o *grande Padre António Vieira* satirizara, nos seus *notáveis sermões*, esse *bichô nauseante* que se chama — o hipócrita?!

¿Foi, desgraçadinho, na ideia de colheres elementos para organizares a defeza da acusação que fizemos aos vossos?

¿Mas tu não sabes que esse grande Padre, quando descreveu o hipócrita, se queria referir a indivíduos depravados como tu e os teus?

Não sabias? Não admira, és tam ingénuo!...

Mais, o que alcançaste em ires buscar à *Génesis* aqueles excertos?

Adquiriste um renome que será a honra e glória do nosso Portugal.

Serviu para mostrar ao Mundo que, num recôndito lugar da velha Araduca, se encontra oculta uma *robusta intelligência* que ultrapassaria o saber dos Setenta se voltassem a este *paraíso territorial!*

Serviu para demonstrar, a quem te leu, a tua crassa ignofância e rusticidade.

Inditoso! Recolhe ao *Nada* de onde surgiste porque nada és, nada vales, nada podes vir a valer, porque dessa raça de pitecos nada se pode esperar.

Andanilho.

## En un clin d'œil

Em tempos, já distantes, colaboramos sob esta epígrafe num periódico cujo director, que estremeçamos, a Providência roubou do nosso convívio.

Várias vezes, desalentados por esta triste ocorrência e recordados das frequentes dificuldades que nos havim embaraçado o cumprimento ao que tínhamos voluntariamente vinculado foros de dever, tentamos desterrar de nós o vício de escrevinhar para jornais;

## Emprazando o Trapo

Como prometemos que passaríamos a usar os mesmos processos que o indecente e nojento  *papel*  que ai se publica às quintas feiras, e como toda a gente sabe que a  *gabadinha*  dele é pôr tudo quanto represente escândalo, ou outra  *qualquer coisa*  em desfavor dos  *outros* , em pratos limpos, muitas pessoas esperavam ver neste número do nosso jornal estampados com todas as letras os nomes dos autores das façanhas enunciadas no  *emprazamento*  do seu último número.

Ninguém se apresse.

Tudo virá a seu tempo.

Os nomes não de vir, mas quando vierem serão acompanhados dos acres comentários de que os factos evidentemente precisam.

Em tudo procuraremos imitar o  *Trapo* , sómente o não imitaremos na invenção de mentiras, de torpezas e de infâmias.

Por enquanto limitamo-nos aos emprazamentos.

Assim, emprazamos o  *Trapo* :

3.º

A dizer em público e raso, visto que tanto gosta de assuntos pessoais e o facto se passou com alguém lá de casa, quem é um indivíduo que, tendo um amigo que lhe votou uma profunda dedicação, aproveitou este ensejo, procurando insinuar-se lhe, e de tal forma o fez e de tais processos usou que pouco tempo decorrido o explorava descaradamente fazendo viagens e estâncias de banhos à sua custa e creando-lhe tais intrugissas em casa que levaram esse amigo a fratar com aspereza sua própria esposa, mais parecendo que o intruso é que era o dono da casa e não o próprio.

Para avivar a memória do  *Trapo*  diremos que tal indivíduo é o mesmo que, encontrando uma noite o amigo com outros indivíduos em amêna cavaqueira, o aconselhou a retirar-se em virtude da sua doença e em vez de o acompanhar a casa, o que seria muito louvável, levou-o para uma casa das que estão sob a vigilância directa da policia, que será o que o  *Trapo*  quiz.

4.º

A dizer, visto que também se trata de gente lá de casa, quem é um indivíduo que agora armou em grande matãoiros e está constantemente a dizer que os talassas,  *verbigratia*  franquistas, deviam ser queimados e nos tempos em que andava a armar ao pingarelho fez um refrato do  *papásinho*  desse tempo, o sr. Conselheiro João Franco, tendo-o posto em exposição na antiga loja do leque, ao Toural, e no qual escreveu uns versinhos muito bem feitos.

E' claro que se o  *Trapo*  nada disser nós diremos tudo, porque queremos que êle, ao menos em uma coisa, nos possa comparar consigo, que é no processo de trazer particularidades a público.

Mas, já o dissemos e pode o  *Trapo*  ficar tranquilo, não usaremos o processo, que lá está muito em voga, de mentir e difamar.

A verdade e só essa chega para os fazer suar.

porém foram inúteis os esforços e baldadas todas as tentativas. E' que a leitura duma noticia desagradável, o triunfo de abusos, o ódio em acção e muitas outras causas não difíceis de arrebanhar, increpando-nos o silêncio, obrigam-nos a protestar, por meio da imprensa, contra tudo o que espelhe vingança, injustiça, malva-dez, prepotência ou inércia; e por isso, eis-nos novamente no pôsto para o combate que, uma vez travado por indispensável, será, com todos sem excepção, lial e justo.

Urdir, clara ou sofisticadamente, os interesses políticos dêste ou de aquêle, não; porque não é essa força que nos anima e incita a empunhar a pena. O engrandecimento da Pátria e o progresso desta nossa querida Guimarães são e serão sempre o fomento destas poucas linhas a fugir; pois que, acima de tudo, somos portugueses e vimaranenses.

Que importa a um português legítimo, castiço, que Portugal se assente em instituições republicanas? Porventura um regimen, só por si, desfará o ser duma Pátria?!

Portugal, enquanto fôr Portugal, será o bocadinho de terra mais amado e querido de todos os que, como nós, se prezam de portugueses.

E' hoje a República que concretiza a Pátria? respeitemo-la. As autoridades, isto é, quem

governa, e deve zelar o solo pátrio, transgride os princípios do direito e da justiça? verberemos sem hesitações e sem receio, que a lei facultya-o, os seus transvios, mas nunca de forma a criar anti-patias que nos arremessem ao atoleiro do nada. Acima de monárquicos ou republicanos... portugueses.

Sirva-nos, portanto, de incentivo para tal atitude sómente o desejo sincero do bem de toda a familia portuguesa, que será o desta já tam maltratada Pátria que indistintamente de todos é mãe. Não confundir Pátria com regimen.

Nós queríamos até que se formasse nos principais Centros uma pléiade de jornalistas que, detestando sistemas governativos, se dedicassem denodadamente apenas ao engrandecimento do seu país e à felicidade dos seus irmãos... Indubitavelmente, dentro em breve, Portugal seria uma nação florescente e nós, um povo modêlo. Enquanto, porém, a ambição e a intriga imperarem, a sua existência definhará assustadoramente a pontos talvez de se extinguir por completo. E então, mas sem remédio, verteremos lágrimas de sangue, lastimando o nosso estólido e criminoso procedimento.

E' para, de alguma forma, fazermos frente a esta corrente que voltamos à lide jornalística.

M.

AGUAS ALCALINAS-VIDAGO

Fonte "Salus,"

As melhores águas alcalinas da Península

Depositário: F. JACOME

Tarcísio

A gênese desta nova produção poética do já assás conhecido vate cristão, o Rev.º P.º Francisco Sequeira, está na celebração do XXIII congresso eucarístico, que no ano passado se realizou em Vienna de Austria. E' a narração, em bons versos, do episódio agiológico referente àquele angélico jovem quando ia levar as santas espécies à prisão.

Toda a imprensa católica se referiu com palavras encomiásticas a este novo trabalho do autor; eu concordo plenamente com essas referências.

O sr. P.º Sequeira é um dos primeiros, se não o primeiro poeta religioso da actualidade em Portugal. E aqui está o principal obstáculo da sua notoriedade. Se fôsse beber inspirações na musa profana, teria hoje uma consagração universal pela elevação e magnificência das suas estrofes. Mas, porque, primeiro que tudo, é um poeta essencialmente cristão, há de viver sempre numa quieta penumbra que lhe abaterá o justo relêvo da sua grandeza. E é por isso mesmo que eu mais o estimo e venero.

O Tarcísio é um verdadeiro mimo, luxuosamente impresso em papel assetinado e belamente ilustrado com preciosas fototipias.

Agradeço de todo o coração o exemplar que se dignou de me oferecer.

Afonso.

Estudantes bracarenses

Devemos ser visitados no dia 10 do corrente mês de março pelo curso do 5.º ano do Liceu Central de Braga que vem a esta cidade dar uma récita no teatro D. Afonso Henriques.

GUIDADO

Pelo sr. Augusto Fernandes, chefe da Estação Telegrafo-postal desta cidade, fomos informados do perigo que correm os indivíduos que se servem de estampilhas inutilizadas para expedição de correspondencia, pois que estão sujeitos a ser processados e parece que a irem bater com os ossos na cadeia.

Previnem-se por isso todas as pessoas a quem possa interessar este assunto de que é preferível —no caso de não terem outro recurso para expedir qualquer correspondencia, ou porque estejam fechados os estabelecimentos onde as estampilhas se vendem, ou por qualquer outra circunstancia —deitar a correspondencia sem estampilha, a usar as já servidas.

O polícia 20

Alguns guardas da policia civil desta cidade se nos dirigem a participar-nos algumas proezas deste célebre ferrabraz daquela corporação e, entre outras coisas, contam-nos que o referido 20, João de Abreu Vieira, estando uma noite com uma tremenda carraspana disse que o sr. administrador do concelho lhe havia

roubado 40000 réis na ocasião em que o castigou e os guardou, que o presidente da comissão administrativa da Câmara não tinha valor nenhum, que era apenas um simples caixeiro e que qualquer dia levava um pontapé que o punham na rua e que eram todos (os republicanos, decerto) uns pilões, o que tudo foi provado em uma sindicancia a que se procedeu.

Os aludidos guardas acham-se indignados porque na policia se conserve ainda um individuo que é a vergonha e a desonra da corporação a que pertencem e pedem para que seja feita justiça.

Aí fica a reclamação dos guardas.

Por nossa parte apenas diremos que eles teem razão e ao sr. administrador cumpre tomar providências, visto que o seu nome se acha envolvido no caso, e de forma bem desairosa, que ninguém acredita é certo, mas em todo o caso corre mundo.

O 20 é o braço direito do chefe e por isso nada nos admira.

Vassoura, sr. administrador, vassoura.

Continuaremos.

BRINDE

Recebemos um calendário que a Casa Barbosa, Merceria e Confeitaria da Rua da Rainha, teve a gentileza de oferecer-nos, o que agradecemos

CARTA

Do nosso estimado conterrâneo sr. dr. Alfredo Pimenta recebemos no passado domingo a seguinte carta, a que damos publicidade:

«...Sr. Redactor:—No último n.º da Alvorada, segundo me dizem, há quem queira puxar o meu nome para uma discussão não sei sobre quê. O homem é tólo, e eu tenho mais que fazer.

Creia-me sr. Redactor, seu am.º

Dafundo, 22-2-1913.

Alfredo Pimenta.»

DOS JORNAIS

As Novidades:

«Várias coisas se teem feito depois da República proclamada que são dum ridículo absoluto e pernicioso em extremo. Se não me engano, foi o sr. Luz Almeida, grão-mestre e chefe supremo da Carbonária que, antes da última incursão, disse não haver conspiradores na fronteira, não havendo motivo para preocupações nem alarmes.

Tam certo estava o sr. Luz Almeida do que afirmava que, na verdade, quando se deu a incursão estava muito sossegado em Lisboa.

¿Como é que vem a Carbonária, traduzindo por certo o pensamento do sr. Luz Almeida, dizer ao povo português, num manifesto, que estão os conspiradores na fronteira, que é preciso todos estarem de prevenção, que o governo da República, prevenido dos tramas que na sombra se estão forjando, nenhum caso tem feito dos patrióticos avisos, que os contrabandistas estão fornecendo armamento sem que a vigilância lhes tenha impedido a sua exploração ignóbil e, finalmente, que os traidores com a Carbonária se terão de defrontar?

Esse manifesto vem encimado, por grandes letras, com a palavra «Prevenção» e termina pela assinatura incógnita de «Alta Venda da Carbonária Portuguesa.»

Se esse manifesto não caísse desde logo pelo ridículo, era, na verdade, um documento que só um tolo o poderia ter feito.»

Final não se sabe a quem assiste razão: se ao sr. Luz Almeida soltando o brado—alerta, se ao sr. Américo de Oliveira tomando a coisa para a chuchadeira!...

O que é certo é que cá pela Parvónia nada de tético e aterrador se ouve. Mas... falou quem tem autoridade, o remédio é esperar até ver no que param as falas...

Por enquanto, o que a todos garantimos, é que com a mesma paz continuamos a comer o caldinho que Deus nos dá.

Se um homem vai atender a tudo o que se diz, não ganha para ceroulas... E a vida, hoje mais que nunca, está caríssima.

O Diário de Noticias:

«Quando os jornalistas (inglêses) de novo passavam por uma das alas, notaram que a um dos «palatrórios» e conversando com umas senhoras, estava um prêso, o n.º 416, de joelhos.

Preguntaram de quem se tratava e souberam que era mais um prêso político, D. Vasco da Câmara (Belmonte). Estava de joelhos, porque este prêso é alto e o gradeamento do «palatrório» onde se encontra, relativamente baixo.»

Duas penalidades simultâneas, e uma delas, pelo menos, bem imerecida! Sirva isto de aviso aos prisioneiros gigantes que, prevejam probabilidades de cair na horrível penitenciária... Enquanto é tempo vão-se prevenindo com calçado de tacão baixo; senão, ao terem de receber qualquer visita, ver-se-ão forçados a *spectare jénua*... Nós estamos convencidos de que só em Portugal é que há destes mimos. Deviam ter ficado edificadas os jornalistas inglêses com tantas comodidades e regalias dispensadas aos nossos prêsos. O caso é, na realidade, para se ficar meia hora

de bôca aberta. Pobres prisioneiros!

O Intransigente:

«Paris, 22 de Fevereiro de 1913.

Ex.º Sr. Machado dos Santos.

Envia-me um anónimo de Paris um número do «Intransigente» de 15 de Fevereiro, o qual insere a meu respeito um artigo tam transparente que fácil me foi ver quem está por detrás d'êle.

Esse artigo é inspirado ou escrito, mas mais certamente escrito por um dos membros duma quadrilha que tem a sua sede no estrangeiro e se propôs últimamente tomar de assalto a legação de Paris. Não sei até que ponto o sr. é solidário com este pensamento, mas na hipótese de que o não tenha atingido completamente, para êle chamo a sua atenção. O sr. está sendo instrumento duma vilania que não corresponde ao papel que os acontecimentos lhe deram no nosso país.

Quanto à legação de Paris tenho empenho em fazer constar à quadrilha em questão, que não lha tomarei por muito tempo e que não é necessário, para que eu lha deixe vaga, empreender o seu assalto com uma navalha nos dentes. Porisso lhe peço o favor de dar publicidade a esta carta.

Subscrevo-me de v.

At.º ven.

João Chagas.

Pois é pena que diplomata tam distinto, descoroçoado por umas ninharias, deixe de nos representar nessa República, onde gosa de gerais simpatias e de estreita estima... Os francezes sempre teem melhor coração. Enquanto lá elevam à categoria de *Président de la République* Mr. Poincaré, os de cá escorraçam da legação, mas então bruscamente e quasi que de navalha nos dentes, o digníssimo representante desta República em França... Que contraste! Faz bem s. ex.º chamar-lhes quadrilha, que de outro nome não são merecedores. Mesmo quadrilha é o termo que os mais finos e escrupulosos clássicos empregavam para exprimir indignação, etc., etc. Portanto êsse vocábulo honra excessivamente, engrandece, um diplomata... e espelha-o nitidamente...

O Socialista:

Na ânsia de legalizar tudo, s. ex.º (o governador civil) levou tambem na sua bagagem o sr. Raimundo Alves, administrador do concelho de Loures e... official do registo civil do mesmo concelho!!!... e mandando-o sentar a seu lado e dentro do seu gabinete fê-lo imediatamente seu secretário «particular», e deixando o outro secretário, sr. João França Borges, no outro gabinete de entrada como qualquer ordenança ou contínuo. O secretário particular sr. Raimundo Alves, presta

serviço nesta qualidade todo o dia no gabinete do sr. governador civil.»

E' a moralidade a espargir os seus benéficos raios... A uns... tudo, a outros... nada!

Um doido

Evadiu-se um doido de Rilhafoles que foi albergar-se na redacção do trapo.

Segundo informes que temos, a sua mania é escrever locais ou artigos que menospressem o catolicismo.

Com certeza deve ser o autor de vários, publicados no citado trapo.

Que lhe preste.

Anúncio

Éditos de 30 dias

1.ª Publicação

No Juizo de Direito desta comarca de Guimarães, e cartório do escrivão do 2.º officio abaixo assinado, correm éditos de 30 dias que principiarão a contar-se depois da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando D. Antónia Adelaide da Costa e Silva Azevedo, casada com António José de Sousa Leite Azevedo, do lugar do Bairro, freguesia de Santa Maria de Moure, comarca da Póvoa de Lanhoso, para, na qualidade de credora, assistir a todos os termos até final do inventário orfanológico a que se procede por óbito de Francisco Marques e mulher Lúsa Joaquina da Silva, moradores que foram, na freguesia de São Martinho de Sande, desta comarca, e no qual é inventariante Joaquim Marques, da mesma freguesia, sendo esta citação sem prejuizo do andamento do mencionado inventário.

Guimarães, 22 de Fevereiro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Manuel Ribeiro de Souza Mascarenhas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos êros cometidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcelos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

A casa que mais sertido tem e que mais barato vende Bicycletas accessorios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a pêsco, panes para enxovais, guarda-sóis, etc., é a LOJA DO BENJAMIM — Teural, 105.

## Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à Rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Porto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Porto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

## FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.  
GUIMARÃES

## COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada  
FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães — PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

## ATENÇÃO!

Só na Sapataria Académica à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

## Colegio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial práctico. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico  
Luís Gonzaga Pereira.

## FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dâmaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda. Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL  
COM  
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AO  
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER  
QUE VAO DIRECTAMENTE  
DAS FABRICAS AO COMPRADOR  
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER  
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER  
**SINGER**  
MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE  
MAXIMA LIGEREZA.  
MAXIMA DURACÃO.  
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO. →

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

# O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha	1\$200 rs.
Ano	600 "
Semestre	300 "
Pelo correio	1\$300 "
Ano	650 "
Semestre	300 "
Trimestre	400 "
Estados U. do Brazil (ano)	1\$800 "
Países da União Postal	2\$400 "
Número avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

P. LUÍS DIAS DA SILVA

## SERMÃO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 120 RS.

Pelo correio 125 rs.

Pedidos à Tip Minerva Vimaranesse  
R. Paio Galvão—Guimarães

# O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 38

Ex.º Sr.